

Tradição e Modernidade em *Natália* – Questões de Gênero em Debate

Tradition and Modernity in *Natália* – Debating Gender Questions

CARLA ALEXANDRA FERREIRA* E RAQUEL TEREZINHA RODRIGUES**

RESUMO: ESTE ARTIGO É UMA PROPOSTA DE RELEITURA DO ROMANCE *NATÁLIA* (2010), DE HELDER MACEDO. FORAM AQUI APRESENTADOS POSICIONAMENTOS SOBRE O SER MULHER, QUESTÃO EM CONSONÂNCIA COM A PLURALIDADE NECESSÁRIA PARA OS ESTUDOS DE GÊNERO CONTEMPORÂNEOS. A PROTAGONISTA/AUTORA DO DIÁRIO/MEMÓRIA PRODUZ UMA NARRATIVA HÍBRIDA QUE MISTURA A MANEIRA DE NARRAR DE UM TEXTO MEMORIALÍSTICO SOB A FORMA DE DIÁRIO, OSCILANDO ENTRE O PASSADO E A MODERNIDADE PARA SUA CONDIÇÃO DE MULHER, EM UM TEMPO EM QUE ESSA CATEGORIA É REVISITADA E CONSIDERADA FLUIDA.

ABSTRACT: THIS ARTICLE PROPOSES A RE-READING OF THE NOVEL *NATÁLIA* (2010), BY HELDER MACEDO. IT SHOWS SOME ASPECTS ABOUT BEING A WOMAN IN PORTUGAL, IN ACCORDANCE TO THE NECESSARY PLURALITY OF THE CONTEMPORARY GENDER STUDIES. THIS JOURNAL/MEMOIR'S PROTAGONIST/AUTHOR WRITES A HYBRID NARRATIVE IN WHICH THE MEMOIR NARRATION MINGLES WITH THE JOURNAL FORM, SWINGING BETWEEN THE PAST AND THE MODERNITY OF HER FEMININE CONDITION, IN A TIME IN WHICH THIS CATEGORY IS REVISITED AND CONSIDERED FLUID.

PALAVRAS-CHAVE: MODERNIDADE E TRADIÇÃO, *NATÁLIA*, DIÁRIO, GÊNERO.

KEYWORDS: MODERNITY AND TRADITION, *NATÁLIA*, JOURNAL, GENDER.

* Professor Adjunto do Departamento de Letras na área de Língua Inglesa e suas Literaturas, na Universidade Federal de São Carlos.

** Professora Adjunta do Departamento de Letras, Área de Literatura Portuguesa na Universidade Estadual Centro-Oeste – PR (UNICENTRO).

Lelder Macedo ocupa um lugar de destaque no cenário literário português, sendo seus romances, segundo Dantas (2011), considerados “metaficções históricas” e seus personagens “metáforas da história”. A mistura de gêneros textuais atrelada a um compromisso social e político dão à crítica um trabalho árduo e valioso. Em meio às várias possibilidades de abordagem e exame de sua obra ficcional, há um caminho ainda pouco traçado, talvez pela contemporaneidade da questão e pela sua publicação recente. *Nátalia* (2010), investigado como o local das experimentações artísticas e de recuperação de um passado em diálogo com a modernidade, apresenta uma intervenção no debate contemporâneo sobre a questão de gênero. Aberto a múltiplas leituras, o romance encerra uma (re)visão de posicionamentos feministas ao longo da história.

O objetivo deste artigo é ler o romance, apresentando esses posicionamentos sobre o ser mulher, questão em consonância com a pluralidade necessária para os estudos de gênero contemporâneos. A protagonista/autora do diário/memória encerra em sua tessitura multiforme e polifônica muitas mulheres portuguesas historicamente observadas e traz, por meio de uma escritura que lhe permite um trânsito interessante, um entremeio de seu passado e presente.

Bonnici (2007, pp. 86-7) argumenta que este é um momento em que a categoria mulher não serve mais para todas as mulheres e, neste sentido, o próprio termo *feminismo* já se apresenta como um elemento limitador. Há que se englobar na teoria e no movimento feminista, segundo o crítico, desde a “história de ativismo político feminista” até questões como a “clitoretomia ou circuncisão feminina na África e na Ásia” entre outros.

Judith Butler (2003), em uma proposta de revisitar a teoria feminista e, por conseguinte, a crítica literária feminista, apresenta uma visão contundente do conceito de “mulheres” como sujeitos do feminismo, no sentido de se repensar teoricamente a “identidade definida” das mulheres como categoria a ser defendida e emancipada no movimento feminista. A autora destaca a limitação do termo que tem efeitos políticos marcados e ataca, portanto, uma visão, que a seu ver, é essencialista para os estudos de gênero e para a teoria feminista.

Sobre a postura da guinada que Butler oferece nesse campo do saber, Bonnici (*idem*, p.35) nos informa que:

Butler argumenta que o movimento feminista errou ao afirmar que ‘as mulheres’ formam um grupo com características comuns e interesses. Essa abordagem causou uma regulamentação e uma reificação de relações de gênero, a qual reforçou o ponto de vista binário das relações de gênero, ou seja, a divisão entre homens e mulheres.

Corroborando a visão do crítico, Zolin (2009, p. 238) argumenta que:

Em *Problemas de Gênero* (2003) Judith Butler reformula a crítica às categorias de identidade produzidas e naturalizadas pelos discursos hegemônicos, fazendo definitivamente cair por terra a lógica do essencialismo que rondava a noção de mulher em favor do desnudamento do sujeito do feminismo como uma categoria multifacetada e instável.

Partindo a crítica do interior do movimento feminista, que segundo Badinter (2005) se configura como “A Virada da década de 90”, a discussão proposta por Butler é a da necessidade de se rever uma ideia de uma base universal para o feminismo, que tem como denominador comum o termo mulheres, que traz embutida a crença “numa identidade supostamente existente em diferentes culturas” (Butler, 2003, p. 20) e que lida com uma forma única de opressão – o patriarcalismo. Acrescenta que o uso do termo possui, além do caráter unificador, um significado restritivo: “se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é”.

O questionamento, portanto, leva a um problema interno mais sério que Butler (2003) percebe como um esforço de colonização de culturas não ocidentais, no sentido de confirmar o objetivo da luta do movimento: mulheres e opressões divergem em seus locais próprios exigindo lutas outras que não a proposta pelo movimento feminista, pautado nas posições binárias e universalizantes para explicar sua base.

Quando propomos que *Natália* figura a tensão vivida pela(s) mulher(es) em Portugal dialogamos diretamente com o debate que começa com a proposta de Butler e, atualmente, se estende para uma revisão do feminismo e para uma reflexão sobre a teoria de gênero. Isso acontece no sentido de pensar que social e historicamente essas mulheres portuguesas que aparecem no romance e na caracterização da protagonista, que acumula e se abre às várias

possibilidades femininas, pedem um olhar mais amplo, oposto a fechamentos tanto em nível de conteúdo quanto (e, sobretudo) pela própria forma do texto. Constituindo-se um texto híbrido, *Natália* figura a questão de gênero em meio a um embate do passado tradicional com um *locus* contemporâneo (elemento que também é revisto, uma vez que essa contemporaneidade mais se aproxima, para a teoria do gênero, de visões e lutas das décadas de oitenta e noventa para França e Estados Unidos – dois polos significativos para o desenvolvimento da teoria feminista – do que aquela do tempo da narrativa e de publicação do romance. Um leitor desses locais, ou mesmo um teórico dessa linha podem não reconhecer algumas questões que surgem nesse texto intrigante como atuais, pertencentes ao nosso tempo. Contudo, é esse deslocamento temporal e, por conseguinte teórico, que apresenta a contemporaneidade da fluidez dos rótulos e sua parcela no debate corrente sobre gênero.

Da leveza do Diário ao peso da Memória: articulações sobre o feminino

Natália (2010) se inicia com a personagem homônima narrando a sua própria história em um diário que começa a ser escrito no ano 2000; é retomado em 2003-2004 e posteriormente encerrando-se em 2008.

“Uma espécie de diário” (Macedo, 2010, p. 9), assim a personagem classifica o texto. Nele ela conta a sua relação com o avô, um filólogo respeitado, professor universitário; com a avó, uma brasileira descendente de alemães e dona de casa; conta a história de seus pais que morreram em Argel; de seu casamento com Paulo, ex-orientando do avô e depois seu assistente na universidade; o divórcio e o novo casamento de ambos: ela com Jorge, primo do ex-marido com quem teve um caso e Paulo, com Fátima Rua, que ironicamente, como ressalta Natália, não é nem “sequer Avenida ou Praça”. (Macedo, 2010, p. 52)

Após a morte do avô e da avó, encontra na gaveta da escrivaninha uma carta e algumas fotos que mudam radicalmente o curso da vida da protagonista, descobre que a mulher de Paulo é filha do assassino de seus pais e que o avô sustenta a menina como promessa feita ao assassino, por ter deixado a neta viva. Com essa revelação, Fátima se separa de Paulo e é acolhida, juntamente com o bebê, por Natália, com quem mantém um tórrido romance,

sem, contudo deixarem que o menino faça referência ao fato de dormirem no mesmo quarto.

Uma viagem ao Brasil encerra grande parte do conflito: Fátima se encontra secretamente com seu pai e morre, dando a entender que se suicida. Natália casa-se com Paulo novamente e criam o menino juntos, voltando ao começo de tudo.

O livro acima citado configura-se em uma narrativa híbrida que mistura a maneira de narrar de um texto memorialístico sob a forma de diário. Sendo assim, a protagonista que na falta de uma definição para seu relato diz que “vai começar assim para ver no que isto vai dar. fazendo uma espécie de diário que depois logo se vê se poderei reorganizar num livro como deve ser”. (Macedo, 2010, p.9)

Essa “espécie de diário”, embora traga algumas características do gênero, tais como a datação, a narração irregular em que há dias sem registros e alguns eventos registrados logo após o acontecido, traz, diferentemente do diário, a ideia da retrospectiva em que muito se assemelha ao texto memorialístico, perdendo o que Marcello Duarte Mathias (1997) chama de “devir”. E não somente isso, para Mathias, a noção de tempo também é de fundamental importância, tendo em vista que segundo o crítico: “no diário é a sismografia do próprio tempo a passar, tempo presente a emergir e a sumir-se. Escrita do efêmero, o diário é um dia que não tem fim. Não há capítulo final porque todos o são, e nenhum o é”. (Mathias, 1997, p. 46)

Em *Natália*, observamos que ao narrar a história dos pais, a personagem se apropria de uma memória que não é a sua, mostrando que na retrospectiva que faz, muito se aproxima de um texto autobiográfico: “o que eu sei é que os meus pais morreram por uma causa justa. Estavam do lado dos bons. Foram considerados terroristas, ou seja eram os maus da história dos outros, dos que nesse tempo destruíam e explodiam e torturavam”. (Macedo, 2010, p. 10)

Embora estejamos tratando de uma personagem de ficcional, recorreremos a Lejeune (2008) quando este questiona ser possível ou não definir autobiografia, pela imprecisão do vocábulo. Ele a define, brevemente, como a narrativa retrospectiva que alguém faz de sua existência, tendo como foco a sua história individual e de sua personalidade. Assim, Natália vem corroborar com a ideia de que a personagem é inserida em um contexto histórico ao qual faz referência constantemente, garantindo, assim, uma impressão de verdade.

A intenção da protagonista ao fazer essas notas, é para que *a posteriori*, tenha elementos para um romance que nunca se efetivará, ao mesmo tempo em que vai se consolidando ao longo do percurso narrativo. Por outro lado, essa falta de unidade e conclusão, que é própria do diário, encontra eco na existência da personagem que oscila entre o “ser” e o “dever ser”, trazendo à tona uma importante característica da escrita diarística que é o papel de confessor, de companheiro: “a verdade também é que tenho estado a sentir-me muito só. Às vezes a gostar de estar a sentir-me só e outras vezes a ter medo de estar a gostar”. (Macedo, 2010, p. 20)

A não conclusão, tanto da narrativa quanto da vida, a leva de volta ao texto diarístico, pois esse pode ser caracterizado, nos dizeres de Mathias (1997, p. 47), como uma ferida aberta, um livro que embora esteja feito, ainda se encontra por fazer, por concluir, como que nesse jogo pudesse driblar a própria morte em um eterno adiar.

Femininos em *Natália*

Natália (2010) é constituído por dois mundos irreconciliáveis, porém mesclados; num movimento dialético que não resulta em síntese, mas em um impasse, na incerteza de sua condição. Em um desses lados, temos as personagens que figuram a tradição; do outro as discussões da modernidade. Oscilando entre eles, está Natália que traz ao leitor seu passado (que é também passado coletivo) e seu presente. Nas linhas de abertura de seu diário, Natália escreve:

Tinha começado assim: ‘A morte foi o início de outra vida.’ E depois como achei horrivelmente literário, acrescentei: ‘Não para os que morreram, é claro, esses já não tem nada a ver com isso.’ O que eu de fato acho e não tinha escrito é que se calhar foi mesmo para não terem nada a ver com isso que lhes serviu morrerem. Mas também acho que as vidas dos mortos se podem tornar noutra vida para aqueles que se metem na vida deles. Como para mim agora, enquanto espero que também chegue a minha vez de não ter nada a ver com isso. Sou nova talvez tenha de esperar ainda muito tempo. A questão é que enquanto espero não consigo deixá-los em paz. Ou eles a mim, tornando minha vida numa história de fantasmas em que o fantasma sou eu. A viver num presente que não

reconhece seu passado. A ter de imaginar semelhanças para poder presumir diferenças. (Macedo, 2010, p. 10)

A tentativa era a de escrever um romance, o que nunca ocorre. Na procura pela abertura desse suposto texto, ela nos prepara para o que virá a ser a estrutura do livro que temos em mãos. O passado, representado pelo avô; pelo segredo de sua origem; pela morte de seus pais revolucionários; funciona como metonímia da ditadura e do poder do patriarcado. O presente é a mistura do agora com o que já se foi, definindo o que Natália poderá ser. No momento em que escreve, se vê como o indefinido: o fantasma que diz ser.

Esse caráter de indefinição da personagem reflete o momento proposto por Butler (2003) em que diz ser necessário rever o conceito de uma identidade definida das mulheres como categoria. Butler (2003, pp. 21-2) argumenta:

É minha sugestão que as supostas universalidade e unidade do sujeito do feminino são de fato minadas pelas restrições do discurso representacional em que funcionam. Com efeito, a insistência prematura num sujeito estável do feminismo, compreendido como uma categoria uma das mulheres, gera, inevitavelmente, múltiplas recusas a aceitar essa categoria. Esses domínios de exclusão revelam as consequências coercitivas e reguladoras dessa construção, mesmo quando a construção é elaborada com propósitos emancipatórios.

A protagonista nos prepara para a narrativa que resgata o seu passado, em um tom memorialístico; mas pensará seu presente à luz de suas reminiscências, em termos formais, suavizadas pela natureza do diário. Seu presente, além das memórias sobre aqueles que já se foram, para não terem “nada a ver com isso”, é povoado por personagens que reforçam a presença do passado, como Paulo e Jorge e por aqueles que apontam as diferenças presumidas, como Fátima, a babá e Diogo.

O avô, a quem a protagonista admira e de quem tenta se libertar, sem muito sucesso, traz as marcas da ditadura e os ideais do patriarcado, para vida dessa mulher. Passando ileso pelo tempo de caos político, o avô diferentemente de seus colegas, continuou a lecionar na universidade e ir a congressos. A avó, ela escreve, era mais prática por, provavelmente, cuidar das “pequenas coisas”. (Macedo, 2010, p. 40).

Paulo, seu primeiro marido e com quem se casa novamente no final do romance, também admirador do avô de Natália, é apresentado, desde o início da narrativa, como uma possibilidade de seguimento da tradição, mas, ao final do romance, figura a síntese incerta de movimento para a modernidade. Paulo retoma o lugar do avô, física, academicamente e na vida de Natália. A exemplo das mulheres da chamada “virada dos anos 90” (Badinter, 2005), retrocede até certo ponto (a volta total já não é mais possível) e, diante de todas as suas conquistas em termos de libertação do patriarcado e das ideias do que seja ser mulher, volta para casa, para Paulo e deleta seu texto, protótipo de romance.

Diante da impossibilidade do retorno ao passado e do apagamento das experiências vividas e registradas no diário, Natália retorna a sua vida com Paulo, mas este, ainda que sendo a presença atualizada do avô, assume uma resposta às demandas da contemporaneidade. Para a volta de Natália, a retomada da vida, da família nuclear, Paulo não pode ser exatamente o era antes, mas uma versão mesclada de si mesmo. Como um amálgama dos dois lados, Paulo remodela o antigo escritório do avô, conferindo a ele uma atmosfera renovada, volta aos estudos de filologia, incorporando o “pseudo-projeto de tese” de Fátima “sobre relações proto-semânticas entre os sons musicais e os fonemas linguísticos”. (Macedo, 2010, p. 223)

A modernidade é, a princípio, figurada por Jorge, primo de Paulo e amante de Natália, que, embora se coloque como uma possibilidade de renovação, nos registros finais do diário, deixa ecoar atitudes patriarcais, conservadoras. Ele se afasta de Fátima Rua, ao saber de seu passado como “garota de programa” e não demonstra mais interesse por Natália, ao saber do envolvimento homossexual dela com Fátima.

É em Fátima Rua que as questões sobre a revisão do ser feminino acontecem. Adiante de seu tempo, dialogando com a contemporaneidade, é ela que encerra o debate sobre o caráter discursivo do gênero, a impossibilidade de rótulos e denominações redutoras e essencialistas (Butler, 2003). Também à luz da própria história do movimento feminista e sobre a reflexão das suas conquistas e legados, Fátima pode figurar uma vertente do feminismo – a norte-americana, que propõe a derrubada de barreiras e impedimentos à emancipação das mulheres. Fátima, que somente é entendida pela babá brasileira e por seu filho Diogo que pensava tranquilamente ter “duas mamás”

(Macedo, 2010), vivencia tudo aquilo que não se pensava ser da esfera do feminino.

Apesar de todo o avanço que possa figurar, Fátima morre. Sua proposta é demasiado moderna para o contexto no qual Natália está inserida. Suas lições ficam gravadas nos registros de Natália e nas suas ações, mas são filtradas pelo recuo de Natália diante dessas questões.

Natália, em sua relação com esses dois blocos de personagens, figura a dissolução das bases do movimento feminista: o avanço que significa Fátima Rua, que foi um marco para as conquistas femininas na Europa nas décadas de 1960 a 1980, e se apresenta, em certos aspectos, como uma demanda da modernidade, cede lugar à indeterminação apontada por Badinter (2005) vivida por muitas mulheres.

As várias mulheres existentes na personagem Natália e nas outras com as quais se relaciona apresentam a mulher portuguesa que vive, no início do ano 2000, essa posição de indefinição: presa ainda a um passado que entende sexo (e mesmo gênero) como elementos naturalizados: mulheres têm comportamento pré-determinados por sua sexualidade, Natália busca sua definição no presente, lugar em que esses conceitos não são mais possíveis. Seu diário traz, nas experiências descritas e na caracterização das personagens, a fluidez contida nas categorias de gênero e também de sexo, nos dizeres de Butler (2003).

Diante do impasse causado pelo trânsito nesses dois mundos, Natália retoma a tradição com um ar novo. Retorna a Paulo, não escreve o romance pretendido, mas não é a mesma, pois vivenciara experiências emancipatórias, já presentes de forma incipiente desde seus primeiros relatos. Do computador, passa a usar o *laptop*; abandona o piano e passa ao teclado; mas fantasmas ainda se fazem presentes, impedindo-a de tomar uma posição por um dos lados. A solução é dada por ela mesma: “ora bem, cheguei ao fim. É claro que não vou mandar ao escritor nada disto que escrevi, como a certa altura imaginei que faria. Agora é só iluminar o texto e carregar na tecla *delete*”. (Macedo, 2010, p. 247)

Referências bibliográficas

BADINTER, Elisabeth. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

- BONNICI, Thomas. *Teoria Crítica e Literária Feminista: conceitos e tendências*. Maringá: UEM, 2007.
- BONNICI, Thomas. e ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: UEM, 2009.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- MACEDO, Helder. *Natália*. Rio de Janeiro: beco do Azougue, 2010.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Trad.: Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MATHIAS, Marcello Duarte. “Autobiografias e Diários”. In: *Poétique*. Paris, 1997, p 143-144.
- ROCHA, Clara Crabbé. *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra: Livraria Almedina, 1977.